

Centenário de Rafael Duarte

CMP 2.1.9.66

Celso Maria de Mello Pupo

Feliz Academia que se conduz segura pela inteligência e pela sabedoria de quem marca nas águas interminas do saber literário; luzeiro e guia, nosso presidente excede com outros do nosso senáculo, onde se colocou, também, o barro modesto que se tem de esconder e revestir na formação acadêmica, para seu maior brilho; mas, se o brilho já consagrou dourando o falar dos acadêmicos Lycurgo e Miltón, biógrafos e críticos de Rafael Duarte de quem souberam exaltar as produções na prosa, na poesia, na história, no teatro e no jornalismo, nada justifica o aparecer hoje no barro modesto que só se acolhe aos recônditos da amizade, e que se vale da docilidade do querer bem. Nem sempre, com justeza, escolhe o nosso presidente, como vemos agora, quando fugiu ao fulgor do intelecto, para que esta noite decorra nas planícies calmas e singelas do viver afetuosos, falando o coração amigo que teve a ventura de estimar e admirar Rafael Duarte, em toda vitalidade da sua figura exemplar.

Faz cem anos que ele nasceu; já não vive entre nós; não mais conquista nossa simpatia ou provoca reação de indiferença ou malquerença; pára acima de nós; e é sua lembrança que pode povoar-nos a memória, com os rigores da sua exatidão, desenhando o homem justo, o homem sábio, o homem culto, o artista, o administrador, o caridoso.

Antes de um sonho florido de grandeza; antes das vaidades de um príncipe da literatura; antes do orgulho do político eminente; tinha Rafael Duarte as riquezas de um coração generoso, a modéstia dos sábios, a singeleza dos puros, a solicitude atenciosa para ser o homem acessível aos mais humildes, benevolente e acolhedor, ativo mas paciente como mestre que se ampara aos bordões da indulgência; ornava-se com a ingenuidade dos que são honestos e a dedicação dos abnegados.

Retemperando forças de velhos; criando o entusiasmo dos moços, não foi o acaso que o fez cavaleiro andante do bem e do belo; impávido lidador do interesse coletivo; consciente construtor de felicidade alheia; obreiro das realizações culturais; administrando, construindo sem cansaços ou desfalecimentos; fazendo da caridade uma preciosa e oculta gema do relicário do seu coração; elevando Campinas em prefeitura proveitosa na qual só a ele se devem serviços que significam um brasão de nobreza armando-o fidalgo da benemerência, que se extravasou pela mordomia da Santa Casa de Campinas e pela diretoria do Asilo de Inválidos desta cidade.

E um traço marcante de Rafael Duarte era a modéstia. Homem de letras que privava e ombreava com Coelho Neto, Garcia Redondo, Alberto Faria, Basílio de Magalhães; escrevendo as "Ciências do Meu Tempo" que, no dizer de Lycurgo "é a prova maior de sua habilidade literária, de seus conhecimentos históricos, de sua cultura geral". Rafael Duarte guardou os elogios recebidos, só para si, no prazer dos grandes que se alegram e se satizam com o reconhecimento de um dos seus pares.

Foi Dom Joaquim Jo Vieira, quem manifestou-se, a ler a "Campinas de Outrora", com palavras sinceras, próprias ao seu feito e caráter, dizendo-nos quem já era Rafael Duarte em 1906:

"Muitas corações saudosas me vieram ao espírito e ao coração, ao ler o nome de tantas pessoas que me eram caras, como os seus inolvidáveis pais, seus padrinhos, seu sogro, e outras de saudosa memória. Mas não foram só estas recordações que me prenderam ao seu livrinho, senão também, e, por ventura principalmente, a suavidade do estilo do autor dele. Sim senhor, meu Rafael, Vossa Mercê é literato". "O seu trabalho revela grande cópia de conhecimentos adquiridos em acurada leitura, acompanhada de criteriosa observação; o que não deixa de causar certa admiração, por ser Vossa Mercê ainda bem moço e ocupado nos misteres da lavoura".

E o moço elogiado, que tão justificadamente poderia fazer de tal missiva uma apresentação de auto propaganda, modestamente conservou o elogio para o nobre egoísmo, se isto é possível, de um prazer muito pessoal e recôndito.

Sobre "Dona Clarita" e suas obras de teatro, foi o neto acadêmico quem fez Campinas conhecer os grandes aplausos recebidos pelo avô, de nomes aureolados no mais alto conceito dos círculos literários e teatrais. Dispondo destes e outros muitos atestados do seu talento, guardou-os, quando não lhe faltava o direito de divulgá-los para a confusão de indoutos que não sabiam reconhecer o valor deste filho que tanto elevava Campinas.

Circunspecto, de porte nobre, erecto e alto-neiro, impunha respeito; transfigurava-se, porém, no seu falar correto e ridente, maneiroso e delicado, dispensando, cavalheiresco, comunicativo e de extrema simpatia, a impressão do seu benévolo acolhimento que conquistava, de plano, os que se aproximavam. Estes traços confirmam o filho, o esposo e o pai terno e amoroso.

No tempo em que os pais ainda infundiam respeito aos filhos, herança daqueles mais velhos tempos do pai patriarcal e chefe da família, que se impunha pela honradez, circunspeção e nobreza tradicional, eram estes que escolhiam o destino dos filhos, assentando os contratos matrimoniais das filhas que já aos doze ou catorze anos deviam "tomar estado", e destinando os filhos às carreiras que mais lhes parecia convir, como agiu o pai do nosso biografiado.

Seu pai chamava-se Joaquim Carlos Duarte; era homem abastado e generoso, benemérito na caridade e no civismo, financiador das Forças Imperiais que se dirigiam ao Paraguai e que passaram por Campinas onde se demoraram de 15 de abril a 20 de junho de 1865; era seu comandante o coronel Manuel Pedro Drago que, antecedendo a tropa, como conta o Visconde de Taunay em suas memórias, "tocou rapidamente para Campinas, onde foi hospedar-se em casa de um fazendeiro Duarte, chamado familiarmente Tico"; "o irmão maior fiscal do corpo de permanentes da Corte, que servira com o nosso chefe de então e tomara a peito essa fineza ao seu comandante".

O militar, irmão de Tico Duarte, era o tenente coronel Antônio do Rego Duarte "bravo e esbelto oficial do Exército brasileiro, duplamente honrado com a insígnia da Ordem da Rosa e com a medalha de Monte Caseros".

Joaquim Carlos Duarte casou-se em Campinas aos 16 de abril de 1846 com Dona Ana Fran-

cisca de Andrade, neta paterna do capitão mor de nossa cidade, João Francisco de Andrade e de sua mulher Dona Ana Franco Cardoso; teria a força atávica conduzido do capitão mor a Rafael Duarte, seu bisneto, qualidades para bem ocupar o mais alto cargo executivo da administração, provido o da vila por um e o da cidade por outro, com elevação e dignidade?

Nos costumes da época, Tico Duarte bem apreciando o fervor religioso do filho Rafael, vislumbrou que seria ele o instrumento de realização do seu ideal de ter um filho padre, e, assim, encaminhando o menino para o Seminário de São Paulo, no qual o nosso homenageado receberia os ensinamentos para a carreira sacerdotal, e que foi, para ele, de grande proveito, tornando-o um latinista exímio e dando-lhe fundamento sólido para a sua brilhante cultura literária, iniciada em Itu com os jesuítas.

Mas, como a vocação religiosa não se cria e o mocinho, convicto de que tanto se serve a Deus sob o burel de um monge como no aconchego de um lar honesto, bem auscultando suas inclinações e ideais, preferiu ser de Cristo um bom soldado leigo, a violentar-se numa sacrificada missão que não aspirava. Como bom filho, custava-lhe contrariar a vontade paterna; valeu-se, então, das delicadezas e habilidades femininas de sua madrinha de batismo, a Baronesa de Atibaia, para encontrar complacência, ou antes, para obter a justa decisão de seu pai, e deixou o Seminário.

Esposo dedicado e pai amoroso, bastava, como tivemos a ventura de fazer, penetrar o lar de Rafael Duarte, casa vasta na rua Regente Feijó, alta, de esquina para a Barreto Leme na qual abria numerosas janelas, e sentir ali o ambiente de bondade e harmonia. Sua esposa, Dona Nenê, solícita, prestativa, atenciosa, deixava irradiar seu afeto pelo marido bom. Adivinhava-se um passado romance, nos tempos em que já o rigorismo que isolava as noivas só conhecidas no altar, se extinguiu, seguido dos hábitos de encontros sociais nos bailes, nas festas religiosas e nas festas caseiras, quando os salões eram conquistados pela valsa vienense romântica e dolente.

Pai amantíssimo, revela-se na hora amarga de perder o filho, traduzida pelo talento e pelas lágrimas em soneto que culmina com palavras de profundo afeto:

"Sinto ainda no peito o premar caricioso de tua cabecinha, ó filho meu querido".

E' preciso ter no céu um filhinho, para sentir a profundidade deste sofrer, a universalidade desta dor e a grandeza deste afeto de pai que recebe os filhos como bênçãos de Deus e como as maiores riquezas que possuímos na terra. Se de outras vezes deixou patente a sua bondade de pai, não podemos olvidar um seu queixume em verso, contra o tempo que nos priva da graça dos entesinhos que nos encantam como filhos nossos:

"Quem me dera ter-te agora
criancinha entre meus braços,
pr'a cobrir-te, como outrora,
com meus beijos, meus abraços"

(Continua)

/ MAREA
/ DO
/ CRÔNICAS
/ AO

/ recordações

/ poesia

"CORREIO POPULAR" - Campinas, 19 de outubro de 1967.